



TEMPO E ESPAÇO EM MÍNIMOS, MÚLTIPLOS, COMUNS, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Querla Mota dos Santos (UNIR)

Resumo: Como contar uma história com até 130 palavras? Todo o comodismo que a tradição do “fazer literatura” definiu como espaço e tempo é transgredido em *Mínimos, Múltiplos, Comuns*, de João Gilberto Noll. Espaço literário, espaço narrativo, espaço físico/real. Tempo da narrativa, tempo psicológico, tempo, tempo, tempo. O começo da relação entre leitor e obra, *Mínimos, Múltiplos Comuns* causa certo incômodo: um livro todo preto; não há nele predominância de brancura no sentido denotativo da palavra. Um livro como outro qualquer, afora a cor. Talvez! Abri-lo é mover-se para outro espaço e outro tempo, na narrativa e na literatura; no fazer literário também. Depois de muitas discussões e de leituras teóricas sobre literatura, crítica literária, na disciplina “Teoria da Literatura”, no Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR, uma missão: ler *Mínimos, Múltiplos, Comuns*. O desafio: é um livro de quê? Teoria? Literatura? Nossa análise será guiada, principalmente, pelas ideias de Foucault e de Blanchot. A tentativa de constante renovação da literatura, essa busca pelo novo, símbolo da literatura contemporânea é levada ao extremo na obra analisada. O espaço físico que condiciona até 130 palavras é extrapolado na significação que possibilita às palavras exatamente por que as condiciona, as delimita. O tempo é suspenso, atravessado pela feitura da narrativa e por ela instaurado (ou não). É o tempo do tempo em que se escreve. É o tempo do tempo em que se lê. Um livro de literatura, um livro sobre literatura. Um livro que é também literatura e é literatura contemporânea de temas contemporâneos e de outros tempos passados.

Palavras-chave: Literatura, João Gilberto Noll, Teoria literária.